

**SENSAÇÕES INAUDITAS:
mundos possíveis?**

UNHEARD-OF SENSATIONS:
possibles worlds?

¿SENSACIONES INAUDITAS:
mundos posibles?

Alik Wunder^{1, 2}

RESUMO

Que potências as imagens tem quando descoladas do desejo de representar, explicar, apresentar um real pré-existente? Quando as imagens não desejam mais desvelar verdades, que forças intensivas ganham? O artigo passeia por obras de artistas que, por meio da criação fotográfica, oferecem ao mundo imagens que desequilibram os modos de ver e de pensar a visão e a percepção. Obras que desafiam ordens visuais e enveredam-nos para o não-dito, não percebido e irrepresentável. Diante do excesso de imagens e do esgotamento das possibilidades de absorção do mundo pelas imagens as obras de Miguel Rio Branco, Claudia Andujar, Moisés Patrício e Cao Guimarães criam vazios por onde vazam sensações. Com Peter Pal Pelbart e Gilles Deleuze, a criação artística é pensada (e vivida) como quebra dos automatismos da percepção, como janelas a outros modos de encontro e criação com o mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; visualidade; Gilles Deleuze.

1 Graduada em Ciências Biológicas pela Unicamp, Mestrado e Doutorado em Educação na área de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte, pela mesma Universidade. Professora e pesquisadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (SP) da linha de pesquisa *Arte e Linguagem em Educação* e compõe o Laboratório de Estudos Audiovisuais – OLHO. E-mail: alikh.wunder@gmail.com.

² Endereço de contato da autora (por correio): Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Cidade Universitária Zeferino Vaz - Barão Geraldo, Campinas - SP, CEP:13083-970, Brasil.

ABSTRACT

What forces do images have when they are detached from a desire of representing, explaining, presenting a preexisting real? When the images no longer tend to reveal truths, what intensive forces do they gain? This article presents the works of artists who offer the world, through photographic creation, images that unbalance the ways we see and think of vision and perception. These works defy visual orders and move us toward the unspoken, unperceived and unrepresentable. Faced with the excess of images and the exhaustion of the possibilities of absorption of the world by the images, the works of Miguel Rio Branco, Claudia Andujar, Moisés Patrício and Cao Guimarães create voids through which sensations leak. With Peter Pal Pelbart and Gilles Deleuze, artistic creation is thought of (and lived) as a break from the automatisms of perception, as windows to other kinds of world encounters and creations.

KEYWORDS: Photography; visuality; Gilles Deleuze.

RESUMEN

¿Qué poderes tienen las imágenes cuando se separan del deseo de representar, explicar, presentar una verdad pre-existente? Cuando las imágenes no desean revelar más verdades ¿que fuerzas ganan? El texto trata de obras de artistas que, a través de la creación fotográfica, ofrecen al mundo imágenes que cuestionan las formas tradicionales de ver y pensar la visión y la percepción. Obras que desafían el orden visual y perceptivo y que nos llevan a lo no-dicho, lo no representable. Ante el exceso de imágenes y el agotamiento de las posibilidades de absorber el mundo a través de ellas, las obras de Miguel Rio Branco, Claudia Andujar, Moisés Patrício e Cao Guimarães abren un vacío donde residen sensaciones inauditas. Junto a Peter Pal Pelbart y Gilles Deleuze, la creación artística es pensada (y vivida) como quiebra del automatismo de la percepción, como ventanas a otros modos de encuentro y creación con el mundo.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v41n1p176>

PALABRAS CLAVE: Fotografia, visualidad; Gilles Deleuze.

Recebido em: 05.10.2017. Aceito em: 01.12.2017. Publicado em: 01.01.2018.

Os Outros são mundos possíveis, a quais as vozes conferem uma realidade sempre variável, conforme a força que elas têm, e revogável conforme os silêncios que elas fazem. Elas são ora fortes e hora fracas, até que calam por um momento (com um silêncio de cansaço). Ora elas se separam e até mesmo se opõe, ora se confundem. Os Outros, isto é, os mundos possíveis com seus objetos, com suas vozes, que lhes dão a única realidade à qual eles podem pretender, constituem “histórias”. Os Outros só tem a realidade que suas vozes lhes dão em seus mundos possíveis. (DELEUZE, 2010: 77).

Com esta provocação do filósofo Gilles Deleuze em seu texto “O esgotado” (2010), inicio este texto-conversaão como resposta ao instigante chamado a este Dossiê. Diariamente um mar de palavras, imagens e sons dão possibilidade a várias vozes - e suas realidades - ganharem força expressiva, em especial via redes sociais. Encantamento. Neste bombardeamento cotidiano nos chegamos duelos múltiplos, chamado contínuo de tomada de lado em infinitas guerras. Cansaço. Encontramos *pensamentos-mundos* fascistas, preconceituosos e incitadores do ódio a qualquer tipo de diferença, que também ganham força utilizando-se das mesmas lógicas comunicativas dos discursos que com ele rivalizam. Susto. *Mundos-imagem-palavras-sons* cada vez mais complexos e excessivos - nos telejornais, nos jornais e revistas impressas, nas postagens das inúmeras redes sociais – duelando verdades e compactuando, muitas vezes, com a ideia de comunicabilidade direta entre o mundo e as palavras, imagens e sons. As imagens e sons, nas fotografias e vídeos seguem servindo insistentemente à lógica da prova e evidência inquestionável. As palavras servindo à significação fixa, às intenções pessoais, de grupos sociais, partidários e/ou corporativos de gerar opiniões e convencer-nos, balizadas por diversos efeitos de realidade que lhes conferem credibilidade. Dentro destas sensações de encantamento, susto e cansaço,

proponho, neste artigo, o encontro com obras de artistas visuais que colocam em suspensão a ideia de que a imagem, em especial a fotografia, nos sirva como um testemunho ocular do mundo. Obras que atravessam o cansaço da repetição dos mesmos padrões de uso das palavras e das imagens, e que vão no sentido do esgotamento das possibilidades, talvez no sentido que Gilles Deleuze (2010) pensa ao se debruçar sobre a obra teatral de Samuel Becket: "O esgotado é muito mais que o cansado" (DELEUZE, 2010: 67), nos diz, ao iniciar este texto. O cansado "não dispõe mais de possibilidades, enquanto o esgotado esgota todo o possível" (DELEUZE, 2010: 68), ele esgota o que não se realiza mais no campo de possibilidades imaginadas. A arte como produtora de outros horizontes a serem imaginados, como forma de expressão que se faz desde dentro do esgotamento. Escolho três artistas que tencionam a crença nas imagens como comunicadoras de um real visível e afirmam a ideia da criação fotográfica como *alteridade*, como produção de *mundos outros*. *Mundos-imagens* que nos atravessam para desequilibrar a crença em um mundo unívoco que possa ser acessado e representado fielmente por meio das linguagens audiovisuais.

Jacques Rancière ao discutir o destino das imagens contemporâneas, nos coloca a questão: "Seria realmente de uma realidade simples e unívoca que elas nos falam? Não haveria, sob o mesmo nome de imagem, diversas funções cujo ajuste problemático constitui precisamente o trabalho da arte? (RANCIÈRE, 2012: 9). Com Jacques Rancière, a criação artística é pensada aqui como *ajustes problemáticos* para atravessar tangencialmente o pensamento dualista sobre circulação real ou ficcional das imagens. O artigo passeia por obras que nos oferecem imagens que desequilibram os modos de ver e de pensar a visão e a percepção. Obras que desafiam ordens visuais e enveredam

para o não-dito, não percebido e irrepresentável. Que potencias as imagens tem quando descoladas do desejo de representar, explicar, apresentar um real pré-existente? Quando as imagens não desejam mais desvelar verdades, que forças intensivas ganham? Diante do excesso de imagens e do esgotamento das possibilidades de absorção do mundo pelas imagens as obras de Miguel Rio Branco, Claudia Andujar e Moisés Patrício "*quebram os automatismos da percepção*" e nos levam a uma "*construção coletiva de outras condições de percepção*" (PELBART, 2009: 38). Propõe-se pensar as imagens da arte como *outros*, como modos de forçar-nos a pensar a visão e a visualidade sob outras lógicas. Estes artistas, de diversas formas, produzem o que Jacques Rancière chama de "*alteração de semelhança*" (RANCIÈRE, 2012:17) e é justamente nesta distância, nesta dessemelhança que as imagens operam e efetuam como *outro*. Apresentam-se aqui três pequenos ensaios que desejam vibrar nas ressonâncias de processos criativos dos artistas: Miguel Rio Branco, Claudia Andujar e Moisés Patrício, busco entrar pelos vazios de suas obras, por onde vazam inauditas sensações.

Entre o mundo e os olhos: planos desérticos, sentidos em deriva

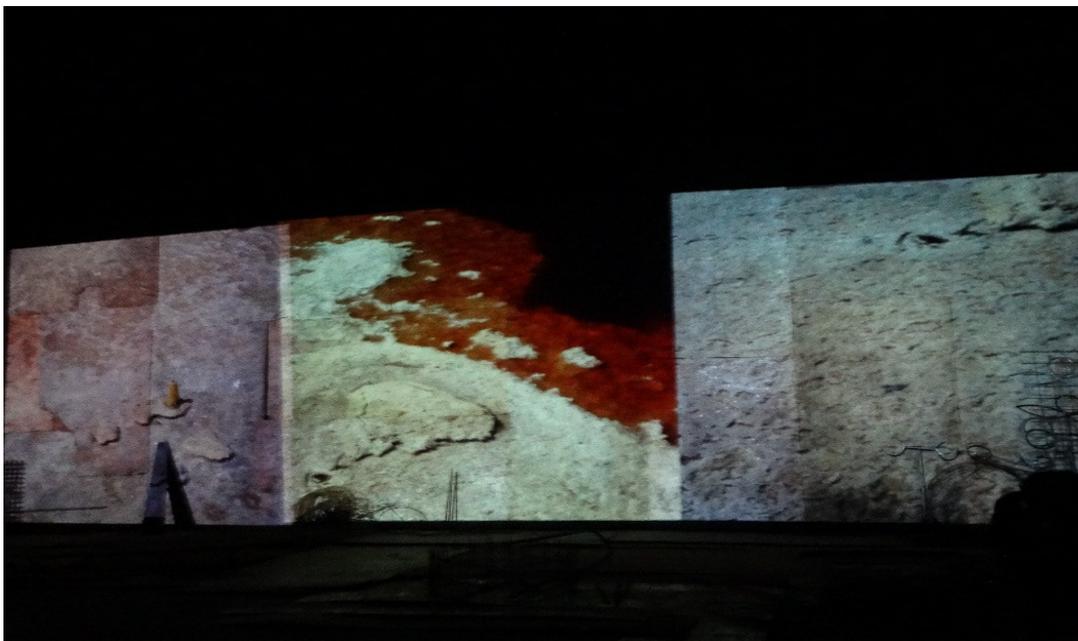


*[...] Olhos do oriente, olhos judeus
olhos palestinos, índios, ateus
luz do olhar de qualquer lugar
são teus sinais, são olhos meus
olhos do ocidente, olhos cristãos
olhos africanos, latinos, irmãos
olhos negros, americanos
vão ancorar no mesmo cais [...]
Olho adocicado feito de mel
olho encharcado sob o véu
a mesma dor, mesmo mar, olhos iguais
um olho só, um grande cais
(Retina, Consuelo de Paula)³*

“Um olho só, um grande cais”. Um mesmo olho - humano - um mesmo mundo co-habitado. “Existe, um mesmo mundo, ao menos no presente, e esse mundo é tudo que há. Isso vale para toda humanidade” (MBEMBE, 2013:45). Infinitos olhares deitam-se sobre este mundo material em atravessamentos culturais, étnicos, de gênero, de gerações, de experiências de vida, de perspectivas políticas, teóricas, religiosas... Ao mesmo tempo estes muitos olhos são também diversos mundos, olhares que expressam distintas humanidades. Como conjugar as diferenças e as singularidades com a ética da vida comum neste mundo material que habitamos? Achille Mbembe traz em seus pensamentos pós-coloniais um desafio que os versos da poetiza Consuelo de Paula também apontam: como habitar um mesmo *mundo-cais* a partir de tão distintas perspectivas? Mbembe, em seu texto “Existe um único mundo apenas” (2013), nos diz ainda: “para grande parte de nossa humanidade, a história moderna foi um processo de acostumar-se à morte do outro, daqueles ou daquelas com quem acreditamos não compartilhar nada” (MBEMBE, 2013: 49).

³ Ver site da artista em <http://www.consuelodepaula.com.br>

Seria possível reconhecer as diferenças e, ao mesmo tempo, acreditar na partilha? Seria possível produzir outras lógicas em que a coexistência de heterogêneos olhares sobre o mundo fosse possível e desejável? Talvez sim. E talvez seja necessário reconhecer que por detrás da certeza de olhares neutros aniquilam-se muitas outras formas de perceber o mundo, que diversos modos de perceber são sistematicamente silenciados pelo suposto olhar imparcial das práticas discursivas da ciência, do jornalismo, da educação e das diversas redes sociais que nos atravessam cotidianamente.



Miguel Rio Branco, artista espanhol radicado no Brasil, nos propõe possibilidades de respostas e abertura a outras perguntas por meio de sensações que nos levam a limites perceptivos. A instalação 'Entre os olhos, o

deserto⁴ (1997) nos desafia a suportar a impossibilidade da captura do mundo pelas vias do visível. Há nela uma quebra na linha contínua entre mundo, olho e fotografia e um convite a enveredarmos menos pela compreensão de cada imagem e mais pelas sensações que se efetuam no *entre imagens*. São três projeções em uma superfície clara, objetos metálicos e pontiagudos são colocados a frente e compõe com as 400 imagens que se sucedem. A variedade de tempos, a combinação de imagens e a trilha sonora criam uma atmosfera melancólica. O ritmo sonoro embala composições, fusões e sobreposições de imagens: retratos – rostos aproximados em que os olhos são centrais; paisagens – em geral desertos, mares escuros e ruínas; e texturas – em que não se distingue macro e micro. Por vezes, os trípticos mesclam frames de filmes e cenas de TV.

As imagens têm em comum um efeito que lhes dá potência tátil: são planos fechados e sem profundidade: pele, chão, tela, muro que se relacionam pelas sensações que provém de suas texturas. As cores fortes e duros contrastes de luz e sombra também ressoam entre uma imagem e outra. As imagens são justapostas por aquilo que nelas acontece: um vermelho intenso, ranhuras, azuis profundos, luz que brota de uma sombra abissal, brilho cortante, produzindo um caótico fluxo de bichos, gentes, objetos, montanhas, ruínas, janelas, desertos, mares... O que vale é o que acontece na imagem e menos o acontecimento que a antecedeu. Não são apresentados, na obra o em textos sobre a obra, os lugares ou contextos de onde provém cada imagem. É justamente esta desconexão entre as imagens e um mundo reconhecível que produz sensações. É a justaposição heterogênea de fragmentos imagéticos diversos que nos arremessa a modos perceptivos

4 Ver mais no site do artista: <http://www.miguelriobranco.com.br/>

outros. Os trípticos também não contam uma história, traçam rastros, são frágeis resquícios. Luciana Dantas, em seu artigo "*O abrir-se da atenção na experiência da arte*", escreve sobre esta obra:

Nenhum fragmento subjuga os demais, nenhuma lógica ordena o caos, nenhum elo narrativo ou lógico se insinua as misturas de imagens e sons, de modo que a busca por um princípio ordenador não nos levaria muito longe. O trabalho parece requerer uma disposição para deixar-nos arrastar pelo fluxo de imagens, abrindo mão de atribuir um sentido predominante à experiência. (DANTAS, 2013: 1611)

A obra não clama pelo ordenamento cognitivo, nos faz suportar o sem-sentido de um *mundo-imagem* em que o caos é potência e a diferença é desejável. O gesto do artista de compor heterogeneidades é um convite a navegarmos sobre as imagens sem nos ancorarmos em narrativas que se querem verídicas. A obra é um chamado a descamação das nossas telas visuais repletas de clichês, é uma ode ao esvaziamento. Nas fendas trípticas abrem-se mares profundos, embaralham-se visões, sonhos e sons. Um deserto, um plano vazio, olhos entre abertos em estado de vigília, fenda entre o sonho e a visão. "Um convite a ceder ao desejo do desvelamento de um conteúdo escondido por detrás das formas e a entrar, simplesmente pela potência da matéria plana" (WUNDER & OLIVEIRA DIAS, 2008: 172). A instalação cria planos desérticos, sentidos em deriva e por isso incomoda. Sem usar as palavras e ela diz: entre o mundo e o que nossos olhos veem, há um vazio imenso. Entre o que vemos e que os outros veem, infinitos desertos. Suportar o intolerável da diferença, talvez seja uma resposta às perguntas que movimentam os pensamentos deste texto. Com Dantas e Deleuze, continuo a pensar: "olhar para o intolerável do mundo; dar-se com a impotência do pensamento para pensá-lo; e 'servir-se dessa impotência para acreditar na

vida (...) sem pretender restaurar um pensamento onipotente' (*DELEUZE, p.205, 209*)" (DANTAS, 2013: 1621). Talvez aí alguma saída.



Aceita?: (im)possíveis partilhas

Retorno a uma pergunta feita acima: seria possível reconhecer as diferenças e, ao mesmo tempo, acreditar na partilha? O racismo estrutural e cotidiano é um tema que atravessa os fluxos imagéticos das redes sociais como reação ao seu silenciamento nos telejornais, nas mídias impressas e digitais. A invisibilização desta violência nestes meios é uma das diversas formas do racismo operar. Narrativas de cenas cotidianas nos chegam em vídeos, textos, fotografias nos quais mulheres e homens negros denunciam as malhas firmes de um racismo social. Muitos destes discursos valem-se das imagens como provas e das narrativas como proliferação de testemunhos. São

modos legítimos de operar com as imagens e palavras por desejarem *fazer ver* o que sistematicamente é ocultado.

A obra *Aceita?* de Moisés Patrício, artista paulistano negro, se faz entre estes jogos de visibilidade e invisibilidade, no entanto nos oferece uma outra forma de testemunho fotográfico, que nos arremessa a outras questões. Diariamente, durante dois anos, o artista publicou imagens de sua própria mão, que sempre oferece algo - um objeto, uma palavra, uma imagem - e, ao fundo, o chão de um lugar da cidade de São Paulo por onde passou. Uma obra feita para atuar nas próprias redes sociais utilizando-se de suas potências (ou fragilidades): o imediatismo, o excesso, as subjetividades narcísicas dos self.

*"Aceita?"*¹⁶ é a pergunta com a qual o artista oferece sua mão:

Me propus a fazer uma foto da minha mão direita todos os dias, por dois anos, para tentar entender a dificuldade das pessoas de aceitar a produção intelectual de um artista negro. Com o histórico escravagista que nós temos, há uma tentativa de reduzir a contribuição do negro à mão de obra [...] Quando sofro algum tipo de preconceito, busco naquele lugar algo que possa representar essa angústia. (PATRÍCIO, 2015: s.p)

Um modo de existir na cidade, uma existência artista e negra, e um jogo diário: a cada experiência de racismo, uma imagem. As imagens não desejam denunciar ou *fazer ver*, vão em direções diferentes do entendimento mais comum das fotografias cotidianas movidas pelo desejo de suspensão do instante e a captura de um fragmento de realidade. Suas fotografias são encenações que colocam sua mão e objetos em variações diversas sob o roteiro dos encontros (e desencontros) do artista nos seus trajetos pelas ruas e

5 Ver mais no site do artista: <http://moisespatricio.weebly.com/aceita.html>

pelas galerias de arte de São Paulo. A criação artística é uma busca de entendimento da não aceitação de sua presença no meio artístico e intelectual, e também uma forma de dar vazão às forças que o atravessam nesta experiência rotineira e violenta. Violenta não somente pelos gestos que indicam sua “inadequação” como artista negro em um meio artístico majoritariamente branco, mas também por sua repetição, em dias, semanas, meses, vidas inteiras, muitas vidas, gerações... As imagens produzem um acontecimento em ato de criação, “pois o acontecimento consiste precisamente em uma mudança de perspectiva, de plano de existência” (PELBART, 2017: 397). A mudança de perspectiva que a obra produz não consiste em nos fazer ver o que Moisés percebe cotidianamente na cidade, mas nos conduz a pensar justamente sobre a impossibilidade de representar em imagens um modo de existência negra em um mundo de brancos. Faz pensar sobre a impossibilidade de nos colocarmos sob a perspectiva do *outro*. Partilhas impossíveis?

Há nas fotografias um tom enigmático, os objetos oferecidos nem sempre são signos reconhecíveis que nos possibilitam compreendê-los como restos de uma vivência de racismo. No entanto, na experiência de vagar pelas imagens da obra *Aceita?* (mais de 600), uma sensação de exaustão nos toma. E talvez seja nesta sensação que uma possível partilha se faça.... uma possível *partilha do sensível*. As imagens entram “no ponto de vista de outra existência, não para ver o que ela vê, mas para fazê-la existir mais, para fazê-la passar a uma existência maior ou para fazê-la existir ‘verdadeiramente’” (PELBART, 2017: 397).

A obra *Aceita?* pode ser pensada então com produtora de um efeito de ampliação e de instauração de uma existência que não é apenas a do

artista paulistano, mas de modos de existência negra de muitos tempos e de muitos lugares, que viveram (e vivem) esta sensação rotineira e violenta de inadequação. A imagem não vem para comprovar o preconceito, ele instaura modos de existência via percepções e criações de imagens-rastros. O artista faz a obra como gesto questionador a si e ao mundo: *Aceita?* Pergunta ambígua que pode desdobrar-se em muitas: aceita minha arte? Aceita minha religião afro-brasileira? Aceita minha presença nas ruas e nas galerias? Aceita o racismo? Aceita fazer-se esta pergunta? Aceita deixar-se atravessar por sensações de outros modos de existência no mundo? Oferendas que abrem vazios.

Neste jogo de criação, o artista debruça-se sobre a realidade e a toma como um *campo de possíveis*, de outros possíveis desde dentro o esgotamento (DELEUZE, 2010). Faz pensar que o esgotamento que se produzem nas imagens do nosso tempo não está apenas na ordem do excesso, mas também na ordem de todas as crenças que damos a elas: de informar, de contar, de explicar, de contextualizar, de lembrar, de provar, de afirmar e de convencer. *Aceita?* faz um movimento outro, “põe em xeque o ponto de ancoragem do discurso, cria um hiato entre a imagem e uma espécie de suspensão do automatismo da compreensão” (PELBART, p.38, 2009).

revista Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v41n1p176>



revista Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v41n1p176>



Ver com outros olhos, conviver em outras humanidades⁶



A autora desta imagem, a fotógrafa húngara Cláudia Andujar faz do seu convívio de mais de 30 anos com o povo indígena Yanomami, um percurso de criação que, para ela, é uma forma de se aproximar do *outro* (ANDUJAR, 2008: 13). A trajetória familiar da artista foi marcada por inúmeras migrações, fugas e guerras na Europa em meio a 2ª Guerra Mundial. Em outra obra denominada "Marcados" (2009) reapresenta uma série de retratos de homens, mulheres, crianças de aldeias yanomami realizados quando

⁶ Trechos deste ensaio foi publicado no capítulo do livro "Das imagens que movem o pensar". In: Giovana Scareli; Priscila Correia Fernandes. (Org.). O que te move a pesquisar?. 1ed. Porto Alegre: Sulina, 2016 e no Jornal de divulgação acadêmica Educação e Imagem (UERJ).

acompanhou expedições médicas socorristas nos primeiros anos de contato. Nesta obra a artista traça uma conexão entre sua vida e a trajetória também de deslocamentos e perseguições dos Yanomami. A obra de Andujar propõe uma experiência singular de encontro com a diferença, um modo de *partilha sensível* e de instauração de modos de existência de diferentes terras e tempos que tem em comum a vulnerabilidade.

Nasce na imagem um corpo cintilante, uma criança yanomami, ao mesmo tempo frágil e forte. Que forças desconhecidas habitam a vulnerabilidade? A imagem desfaz negativos e positivos, fabula um entre-lugar de luz e sombra e desarranja os modos habituais do fazer fotográfico. A luz mais que capturada se faz invenção. Entramos pelo espaço escuro e desconhecido de uma oca, pelos contornos inapreensíveis de uma criança-índia. Um corpo desnudo, um rosto sem olhos. Para encará-lo, um chamado a também abandonar os olhos. Um chamado a entrar na imagem menos como um registro, um documento ou um testemunho ocular de alguém que um dia esteve lá. Um convite a entrar na imagem, por aquilo que dela vibra, pela sensação que dela emana, por aquilo que escapa ao desejo de captura e compreensão. Um chamado para que nos desnudem da saturação de imagens que não nos afetam mais: imagens de indígenas, imagens que acreditam representar o *outro*. Arquivos documentais museológicos, artísticos e acadêmicos proliferam-se no desejo de salvaguardar, em imagens, povos inteiros em risco de desaparecimento. Fluxos de imagens midiáticas e em redes sociais, ora desejam explicitamente aniquilá-los material e simbolicamente, ora salvá-los, dar-lhes voz e visibilidade e criar possíveis alianças.

Andujar percorreu com o povo Yanomami por vários caminhos. De início, na década de 70, teve dificuldade de fotografá-los, pois temiam que suas almas fossem capturadas por meio da fotografia. Depois de longos anos de convivências e de estabelecimento de elos de confiança, produziu o maior acervo de imagens deste povo como fotojornalista. Atuou por longos anos na militância pelos seus direitos, culminando na criação da “Terra Indígena Yanomami” em 1991, no norte do estado do Amazonas. Nestes tempos de militância parou de fotografá-los. Nos últimos anos, iniciou um trabalho de recriação com as imagens de seu acervo. Produz novas imagens a partir de sobreposições e interferências sobre luzes e sombras. Na dificuldade de deslocar-se até às aldeias, na fragilidade de um corpo que já não pode estar presente, intensifica a potência da fotografia como invenção do tempo e da vida.

De tempos em tempos me permito parar no tempo e, na contemplação das imagens, encontro uma nova expressão, um novo sentido visual, bem como incorporo novas imagens de viagens recentes (agora não mais estadas, mas viagens curtas) as quais me possibilitam unir o passado e o presente, que já quase é o futuro da vida deles (ANDUJAR, 2008: 167).

Estas novas imagens são movidas pela dessemelhança e pela imprecisão, não nos remetem a tempos passados, deslizam no presente sobre sensações. Fazem-nos deslizar sobre as mil imagens de indígenas que nos atravessam, um *mundo-imagem* que, em geral, tem a fotografia como semelhança e desvelamento do mundo. Há neste movimento da artista com a fotografia e com os indígenas, um modo singular de encontrar e criar, um modo singular de encontrar com a diferença. Um reconhecimento da

diferença "como o que nos arranca de nós mesmos e nos faz *de vir outro*" (ROLNIK,1995):

Uma política que não consiste simplesmente em reconhecer o outro, respeitá-lo, preocupar-se com as consequências que nossa conduta possa ter sobre ele; mais além, trata-se de assumir as consequências de sermos permanentemente atravessados pelo outro, uma política indissociável de uma ética de respeito pela vida." (ROLNIK, 1995:s.n)



revista Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v41n1p176>



Desde a década de 70 buscou modos de se aproximar do mundo yanomami criando movimentos de encontro com as suas visualidades. A eles oferecia suas imagens e deles recebia outras. Pedia que os xamãs desenhassem em papéis as imagens de seus sonhos. No encontro com estas imagens e com narrativas durante anos de escuta, produz a séria fotográfica denominada "Sonhos". Imagens que não representam os sonhos, ressoam nesta fenda entre imagens visíveis e imagens videntes. As próprias fotografias entram em estado de transe xamânico ao deixar-se atravessar pelas imagens que provém das palavras e desenhos dos xamãs yanomami. "Como os mitos, adaptam-se, incorporam novas imagens e tomam novas formas, para pela transcodificação das imagens se atualizarem, numa bricolagem virtual infinita" (ANDUJAR, 2014:169).

A força das imagens da artista está na sua vulnerabilidade, nas transformações de sua obra ao longo da vida, sob a interferência dos modos de existência indígenas. A obra de Andujar existe e tem força por que faz existir *outros*, porque amplia outras existências, por que "vê alma ou força ali onde outros nada viam ou sentiam, assim faz com eles causa comum" (PELBART, 2017:398). Suas imagens deixaram-se atravessar pela força de vida Yanomami. Uma força que arrancou a fotografia (e a fotógrafa) do seu lugar seguro. Vulneráveis a interferências ficcionais, as imagens não mais os capturam, mas projetam novas luzes no mundo. Luzes dos pensamentos, dos sonhos, das existências yanomami, luzes de outros mundos em nossos mundos. No corpo a corpo com a vida, a fotógrafa e suas imagens foram atravessadas por devires-outros... devires-criança, devires-yanomami, frágeis e potentes des-limites. E que forças habitam a vulnerabilidade?

Referências

ANDUJAR, Cláudia e PERSICHETTI, Simoneta. **Cláudia Andujar**. São Paulo: Lazuli Editora: Companhia Editora Nacional, 2008.

ANDUJAR, Cláudia. **Marcados**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

DANTAS, Luciana. O abrir-se da atenção na experiência da arte. In: **Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**, 2013, Belém. Anais do 22º Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Sobre teatro**: um manifesto de menos; O esgotado. Rio de Janeiro, Zahar, 2010.

MBEMBE, Achille. Existe um único mundo apenas. In: **Videobrasil: geografias em movimento**. SESC e FARKAS, Solange Oliveira (concepção), n.9. São Paulo: Edições SESC, 2013.

PEBART, PETER PAL. Imagens do (nosso) tempo. In: FURTADO, Beatriz (org). **Imagem contemporânea**: cinema, tv, documentário, fotografia, videoarte, games... São Paulo: Hedra, 2009.

PEBART, PETER PAL. **O avesso do Nihilismo, cartografias do esgotamento**. São Paulo: Edições N 1, 2017.

PATRICIO, Moisés. **Com 'selfies' da mão, artista questiona racismo e intolerância**. Entrevista concedida à BBC Brasil, agosto de 2015. http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/08/150804_salasocial_moises_instagram_cc - (acesso em abril de 2017)

RANCIÈRE, Jacques. **O destino das imagens**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v41n1p176>

ROLNIK, Suely. **Ninguém é deleuziano** (1995). Entrevista - site do Núcleo de Estudos da Subjetividade - <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade> (acesso em maio de 2015)

WUNDER, Alik; OLIVEIRA DIAS, Susana. Deslizes pelas superfícies do acontecimento fotográfico. **Revista de Estudos Universitário**, Sorocaba (SP), v. 36, n. 1, p. 157-174, 2010.